



**Gênero e Violência Sexual nas pesquisas Brasileiras indexadas na base
de dados Scielo**

***Gender and Sexual Violence in Brazilian surveys indexed in the Scielo
database***

Gabriele Strochain

Instituto Federal Farroupilha, Campus Santa Rosa - Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8203-4965>.

strochain.gabriele@gmail.com

Rúbia Emmel

Instituto Federal Farroupilha, Campus Santa

Rosa/Universidade Federal Fronteira Sul, Campus Cerro Largo/Professora do Programa

de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Mestrado, Capes - Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-4701-8959>.

rubia.emmel@iffarroupilha.edu.br

Resumo

Este artigo teve o objetivo de compreender as contribuições dos autores das pesquisas de artigos produzidos no país sobre gênero e violência sexual. Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, através de pesquisa documental, realizada a partir da busca de artigos na base de dados Scielo, no período de 2009 a 2019. Os dados foram analisados por meio da análise temática de conteúdo. A busca na base de dados indicou um quantitativo de 77 pesquisas que evidenciou: - Mapeamento das Instituições e dos locais onde foram realizadas as pesquisas; - Áreas do Conhecimento e Metodologias utilizadas nas pesquisas. Enfim, salienta-se a importância de seguir pesquisando a temática de gênero e violência sexual compreendendo-a em diferentes áreas na produção de pesquisas e publicações brasileiras.

Palavras-chaves: Violência de Gênero; Violência sexual; Artigos brasileiros; Saúde.

Abstract

This article aimed to understand the contributions of the authors of the research of articles produced in the country on gender and sexual violence. This research presents a qualitative approach, through documentary research, carried out from the search for articles in the Scielo database, in the period from 2009 to 2019. The data were analyzed through thematic content analysis. The search in the database indicated a number of 77 surveys that showed: - Mapping of



the Institutions and the places where the surveys were carried out; - Areas of Knowledge and Methodologies used in research. Finally, the importance of continuing to research the theme of gender and sexual violence is emphasized, understanding it in different areas in the production of Brazilian research and publications.

Keywords: Revista; Gender Violence; Sexual violence; Brazilian articles; Cheers.

1 Introdução

As temáticas de gênero e violência sexual vêm sendo utilizadas em pesquisas brasileiras (VARGAS e SAFFIOTI, 1994; SAFFIOTI, 2011; COLLING e TEDESCHI, 2015). Estas pesquisas nas mais diversas áreas de nossa sociedade (educação, saúde, serviços sociais, direitos humanos, políticas públicas), as pesquisas podem ser desenvolvidas também no âmbito dos programas de pós-graduação, em mestrados e doutorados.

Ao buscar uma definição de gênero parte-se uma sociedade tradicional, patriarcal, onde as mulheres são a família, maternidade, e os homens são a sociedade, valores materiais. Entendendo assim que a identidade de gênero tem como representações sociais historicamente construídas, que foram determinando a homens e mulheres lugares diferenciados na sociedade, conforme os estudos de Silva (2004). Sobre a produção da violência sexual, nos estudos de Saffioti (2001) se tem que a violência de gênero é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. Seguindo os estudos de Saffioti (2001), ela ainda atribui ao homem o exercício da função patriarcal, detendo o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade.

Entre as diversas formas de violência, encontra-se a violência sexual, compreendida como toda ação na qual uma pessoa, numa relação de poder, por meio de força física, coerção, sedução ou intimidação psicológica, obriga a outra pessoa a praticar ou submeter-se à relação sexual (LABRONICI, FEGADOLI; CORREA, 2010, p. 402).

Diante deste problema social que ocorre independentemente de classe social, idade ou etnia e vendo a importância de estudos sobre o tema criou-se a problemática deste trabalho que tem como questionamento: quais são os acervos recentes em pesquisa sobre o tema? Onde foram feitos? Quais são as abordagens e áreas de conhecimento? Quais instituições e periódicos?



Este artigo apresenta uma análise das pesquisas sobre gênero e violência sexual, a partir da busca de artigos na base indexador de revistas Scientific Electronic Library Online (Scielo) no período de 2009 a 2019, com o objetivo de compreender as contribuições dos autores das pesquisas de artigos produzidos no país sobre gênero e violência sexual. A base de dados possibilitou a identificação de eixos temáticos que caracterizam as pesquisas, categorizando através da análise textual discursiva (ATD), as linhas teóricas e diferentes concepções presentes na base de dados pesquisadas.

2 Metodologia

Esta pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa (LÜDKE E ANDRÉ, 2001), realizada através de pesquisa do tipo documental, a partir de revisão da literatura na base de dados de artigos brasileiros indexados e disponíveis em meio eletrônico na Scielo, sendo que foram encontradas pesquisas entre os anos de 2009 a 2019, disponíveis no sítio eletrônico: www.scielo.br. Como critério de busca foi utilizado os termos: Gênero e Violência sexual.

Realizamos a análise temática de conteúdo (LÜDKE E ANDRÉ, 2001) dos artigos encontrados na base de dados, *a priori* a partir de identificações e classificações, apresentadas nas sistematizações das tabelas analisadas neste artigo. A partir da base de dados foram criadas seis tabelas com o objetivo de uma análise mais aprofundada dos artigos. Os seguintes quadros e tabelas foram produzidos: - Quadro 1: Apresentação dos artigos sobre gênero e violência sexual na base de dados Scielo (Apêndice A). - Tabela 1: Artigos por ano sobre gênero e violência sexual; - Tabela 2: Instituições com pesquisa sobre gênero e violência sexual; - Tabela 3: Mapeamento dos locais onde foram realizadas as pesquisas; - Tabela 4: Revistas Brasileiras Indexadas no Scielo; - Tabela 5: Áreas do Conhecimento das Pesquisas sobre gênero e violência sexual - Tabela 6: Metodologias utilizadas na pesquisa.

As questões éticas de pesquisa foram respeitadas, uma vez que foram analisados trabalhos acadêmicos selecionados em base de dados de domínio público na web 2.0. Os artigos encontrados foram nomeados por uma letra “A” (artigo) seguidas de numeração em ordem crescente: A1, A2 até A77.



3 Resultados e Discussão

Apresentamos as análises dos artigos da base de dados que produzidos iniciando pelo Quadro 1 (disponível no Apêndice A) que apresenta os artigos brasileiros indexados no Scielo, com descrição de autores, com a finalidade de identificar de modo geral cada artigo deste recorte de pesquisa na temática gênero e violência sexual, possibilitando um panorama dos artigos.

A busca na base de dados delimitou-se aos artigos publicados nos últimos 10 anos na Scielo. Através dos resultados da busca se indicou um quantitativo de 77 artigos, entre 2019 a 2009 (em ordem decrescente).

A partir do Quadro 1 (Apêndice A) foi possível elaborar a Tabela 1, com o indicativo de artigos publicados por ano:

Tabela 1. Artigos por ano sobre gênero e violência sexual

ANOS	ARTIGOS	TOTAL
2019	A1; A2; A3; A4; A5; A6; A7; A8; A9; A10.	10
2018	A11; A12; A13; A14; A15; A16; A17.	7
2017	A18; A19; A20; A21; A22; A23; A24; A25; A26; A27; A28; A29; A30; A31.	14
2016	A32; A33; A34; A35; A36; A37.	6
2015	A38; A39; A40.	3
2014	A41; A42; A43; A44; A45; A46; A47; A48; A49.	9
2013	A50; A51; A52.	3
2012	A53; A54; A55; A56; A57; A58; A59; A60.	8
2011	A61; A62; A63; A64; A65; A66.	6
2010	A67; A68; A69; A70; A71; A72.	6
2009	A73; A74; A75; A76; A77.	5

Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Percebemos que, ao longo dos anos, houve um aumento de artigos publicados na base de dados. Entre os fatores supõe-se que o crescimento de políticas públicas no Brasil também proporcionou a expansão de programas de pesquisa e pós-graduações com o enfoque temático ou linhas de pesquisa na área de gênero e violência sexual. Para Bandeira (2014) em sua investigação que emerge pelo olhar feminista, o tema da violência ocupa atualmente lugar de relevância e constitui-se objeto de investigação atual no campo sociológico desde as três últimas décadas do século XX, com enfoque na distribuição e no exercício do poder, tendo como ator central o Estado:

Articulados à teoria do Estado, esses estudos sobre a violência tendem a encobrir outras manifestações violentas. Essas vêm ocorrendo no cotidiano



entre as pessoas, sendo denominadas por violência interpessoal e marcadas pelas assimetrias de poder que, no geral, ocorrem entre homens e mulheres com algum vínculo, seja no âmbito privado ou na esfera pública. A correlação da violência com a condição de gênero originou-se sob a inspiração das questões e das reivindicações do movimento feminista, a partir de evidências empíricas contundentes (BANDEIRA, 2014, p. 450).

O termo “violência contra mulher” pode ter diversos significados, dependendo de suas implicações empíricas e teóricas. Porém, há vários usos semânticos, nos quais, muitas vezes, há um sentido equivalente nas distintas denominações: violência contra a mulher, violência doméstica, violência intrafamiliar, violência familiar e violência de gênero. Conforme decorrem os anos, os estudos de violência se aprofundaram, como o de Saffioti (2011), que relaciona a violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual e integridade moral.

Demarca-se que houve diminuição de artigos nos anos de 2013 (três artigos) e 2015 (três artigos). Em 2013, dois dos três artigos (A50, A51) tem o enfoque temático direcionado aos casos de violência sexual que ocorrem nas universidades. Em 2015 os três artigos (A38; A39; A40) tem o enfoque temático em casos de violência sexual contra mulheres, idosas e pós-parto por parceiros íntimos. Pode-se relacionar que nos anos das publicações dos artigos tais tipos de violências estavam em alta, mostrando a necessidade de produção de estudos sobre estas temáticas. No artigo A40 os autores relacionam os suicídios de mulheres idosas (tema do artigo) com relatos de violências de gênero em algum ou vários momentos do ciclo de vida destas.

Em 2017 houve a maior crescente (14 artigos), mas em 2018 diminuiu para a metade (sete artigos) e em 2019 foram publicados 10 artigos. Os artigos dos últimos anos, em sua maioria, relacionaram-se com estudos sobre violência sexual infantil, intervenções nas escolas, diretrizes e projetos culturais e também com a violência entre parceiros íntimos. Segundo Winck e Strey:

O fortalecimento dos estudos de gênero e sua divulgação, para além dos certames acadêmicos, representa uma proposta de permanente reflexão acerca desses e de tantos outros paradigmas, em prol de uma maior equidade nas representações sociais que assumimos cotidianamente (WINCK E STREY, 2017, p. 145).



Estes estudos comprovam a importância da pesquisa e de sua representação social, mostrando para a sociedade, com base em estudos de caso, como reflexões sobre este tema. Exemplos de artigos tabulados (A11, A20, A35, A56, A57, A60, A61, A63) têm como foco temático a violência contra crianças e suas características, mostrando como o debate de gênero está relacionado com a violência de vulneráveis, enquanto crianças.

Na Tabela 2 são apresentadas as instituições com pesquisa sobre gênero e violência sexual. Pela tabulação de dados foi possível relacionar artigos, temáticas e projetos institucionais. Na Tabela 2 identificamos um total de 60 instituições com produções de artigos na base de dados.

Tabela 2. Instituições com pesquisa sobre gênero e violência sexual

INSTITUIÇÃO	ARTIGOS	T
USP	A2; A6; A7; A9; A11; A18; A29; A33; A35; A42; A50; A51; A57; A60; A64; A69; A76; A77.	18
UNB	A1; A16; A34; A41; A48; A61; A73.	7
UNICAMP	A4; A19; A23; A30; A46; A47; A56.	7
UFRGS	A8; A25; A40; A44; A52; A66.	6
FIOCRUZ	A12; A15; A21; A36; A68.	5
UFPE	A39; A62; A72; A77.	4
UFPR	A3; A42; A70.	3
UNIFOR	A5; A10; A17.	3
PAGU	A23; A46; A47.	3
UERJ	A45; A67; A75.	3
ENSP	A36; A68.	2
FMRP	A2; A64.	2
UNESP	A32; A58.	2
UNIFESP	A25; A30.	2
PUCRS	A26; A31.	2
UFS	A27; A43.	2
UFSC	A22.	2
UNISINOS	A13; A31.	2
UFMG	A6; A37.	2
IFNMG	A6.	1
USCS	A7.	1
EESP	A8.	1
UMINHO-PT	A5.	1
UCP	A13.	1
UFF	A14.	1
UNIVASF	A20.	1
UESB	A20.	1
FARAL	A20.	1
UFBA	A20.	1
UNISUL	A22.	1
IFCH	A23.	1
UNAMA	A24.	1



FCC	A28.	1
UNISANTOS	A29.	1
FAP	A32.	1
AEMS	A32.	1
FIO	A32.	1
FFLCH	A33.	1
UNG	A35.	1
UNIMONTES	A37.	1
ESCS	A38.	1
UFAM	A40.	1
TJDFT	A41.	1
UNIG	A45.	1
IMS	A45.	1
UFRN	A49.	1
Mackenzie	A50.	1
FMUSP	A53.	1
PUC Minas	A54.	1
Facid Wyden	A55.	1
UFPI	A55.	1
FCM	A56.	1
UNC	A59.	1
UFMT	A62.	1
UFLA	A63.	1
UFSCAR	A65.	1
FSS	A67.	1
UFAL	A68.	1
UCSAL	A71.	1
NEMGE	A74.	1

Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Nota: *Instituição: Instituições com pesquisa sobre gênero e violência sexual; *Artigos: Artigos por instituição; *T: total de publicação por Instituições de Ensino Superior.

Conforme a Tabela 2, das 60 instituições apenas 19 estão presentes em mais de um artigo. As instituições e universidades com dois ou mais artigos são, em sua maioria, públicas, o que pode ser relacionado com o incentivo à produção nas pesquisas acadêmicas, ao nível tanto da graduação como da pós-graduação.

A partir da tabulação nota-se que, além das universidades e institutos de educação superior, identificam-se artigos feitos por instituições de ensino médio, presentes nos artigos (A8, A36, A38, A69). Sobre a inclusão dos estudos de gênero na Educação Básica, Colling (2017) denuncia e relembra que houve uma campanha nacional feita por políticos conservadores e moralistas para a retirada desta temática dos planos de educação: nacionais, estaduais e municipais. Parafraseando esta autora, indica-se que esta campanha no contexto político foi vitoriosa, demonstrando a total ignorância dos



políticos neste tema, pois esquecem que muitas vezes, como denunciado nas pesquisas desta base de dados, é dentro da família que atos de violência são cometidos contra crianças e mulheres. Ressaltamos que a inclusão destes temas nos Planos de Educação ou em documentos curriculares tinham como “principal objetivo tratar da violência doméstica, contra mulher e meninas, gravidez na adolescência, sexualidade” (COLLING, 2017, p. 46). Entende-se assim o contexto histórico denunciado pela autora; porém, ainda coexistem incentivos a estudos e pesquisas nas instituições de Educação Básica, conforme Colling (2017, p.54) “Para transformar a cultura preconceituosa com o ‘outro’, necessitamos de políticas públicas nas escolas e nas universidades, que promovam o respeito às diferenças de gênero e sexualidade”.

Entre as publicações identificou-se a existência de instituições do exterior que apresentam pesquisas em parceria com IES brasileiras como a UNISINOS/UCP, por exemplo, no artigo (A13), o qual teve como objetivo caracterizar a produção científica sobre políticas e programas de saúde de adolescentes no Brasil e em Portugal, desenvolvidas sobre políticas públicas no âmbito dos dois países, através de um estudo comparado. Também (A8) publicou estudos brasileiros sobre oficinas de bonecos sexuais da UFRGS/EESP, tendo realizado a pesquisa em quatro locais no Brasil e levado à oficina para Porto-Príncipe no Haiti, onde o projeto estava presente no evento de Cooperação Brasil-Cuba-Haiti.

Na Tabela 3 apresentamos o mapeamento geográfico dos Estados, localizando, na maioria dos artigos, também os municípios que possuem pesquisas na área. Num primeiro momento foi feita a leitura de cada artigo na base de dados, buscando identificar a região e o Estado onde foi realizada a pesquisa. Após esta tabulação, foi constituída a Tabela 3, refazendo a tabulação a partir das nomenclaturas dos municípios e Estados, identificando a quantidade de artigos por localidade.

Tabela 3. Mapeamento dos locais onde foram realizadas as pesquisas

REGIÃO DO BRASIL (TOTAL POR REGIÃO)	ESTADOS COM PUBLICAÇÕES	ARTIGOS	T
SUDESTE (45)	São Paulo	A2; A4; A5; A7; A9; A11; A18; A19; A25; A28; A29; A30; A32; A33; A35; A42; A46; A47; A50; A51; A53; A56; A58; A64; A65; A69; A74; A76; A77.	29
	Rio de Janeiro	A8; A14; A15; A21; A36; A40; A45; A66; A67;	11



		A75; A77.	
	Minas Gerais	A6; A36; A54; A63; A77.	5
Nordeste (23)	Pernambuco	A12; A20; A36; A39; A40; A69; A72; A77.	8
	Piauí	A36; A40; A55.	4
	Ceará	A10; A17; A40.	3
	Bahia	A66; A75; A77.	3
	Rio Grande do Norte	A49.	1
	Alagoas	A68.	1
	Sergipe	A27; A43; A71.	3
Sul (22)	Rio Grande do Sul	A8; A26; A31; A36; A40; A44; A52; A66; A75.	12
	Paraná	A3; A57; A60; A70; A77.	5
	Santa Catarina	A8; A22; A24; A36; A77.	5
Centro-Oeste (14)	Distrito Federal	A1; A16; A34; A36; A38; A48; A61; A73; A77.	9
	Mato Grosso do Sul	A40; A77.	3
	Mato Grosso	A36; A62.	2
Norte (6)	Amazonas	A8; A36; A40; A77.	4
	Pará	A24.	1
	Rondônia	A36.	1
Outros países (4)	Espanha; Haiti; Portugal	A8; A13; A23; A59	4

Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Nota: Região do Brasil (total por região). Estados com publicações: onde foi realizada a pesquisa sobre gênero e violência sexual. Artigos: Artigos por estado. T: Total por Estado.

Segundo o sítio eletrônico Mapa da violência de gênero do Brasil¹, somente em 2017, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) recebeu 26.835 registros de estupro em todo o país, o que equivale a 73 estupros registrados a cada dia daquele ano. Dos casos apresentados 89% das vítimas eram mulheres.

A partir da coleta de dados e, posteriormente, da criação da tabela, foi possível verificar, dentro de um contexto geral do período analisado, a predominância da Região Sudeste que contém maior número de publicações. Especificamente no eixo Rio de Janeiro/São Paulo/Minas Gerais, sendo responsável por 45 dos 77 artigos publicados que apresentam o local e a instituição de origem, confirmando um maior interesse na produção de estudos sobre gênero e violência sexual. O Rio Grande do Sul é outro Estado que apresenta contribuição expressiva e que merece destaque conforme o mapeamento realizado, com um total de 12 artigos. As demais regiões apresentam menor número de artigos, sendo de supor que tal se deve ao incentivo, às políticas públicas e ao fator econômico que envolve as pesquisas e a produção de artigos, tendo a maior concentração, em caráter histórico, nas universidades brasileiras da Região Sudeste.

¹ Os dados constituem-se de leituras do Mapa da violência de gênero. Disponível em: <<https://mapadaviolenciadegenero.com.br>>



De acordo com o mapa da violência identifica-se que o Rio de Janeiro é o Estado com mais leis que tratam da violência de gênero, havendo normativas que versam sobre diversos aspectos tais como atendimentos especiais às vítimas, sanção de agressores, medidas de prevenção e campanhas de conscientização.

Dados como os encontrados no mapa da violência de gênero auxiliaram a entender o aumento de pesquisas e quais seriam os motivos que levaram os pesquisadores a estudar os temas. Segundo o sítio eletrônico, São Paulo registrou mais de 169.391 casos de violência física entre 2014 e 2017 (os dados de 2018 ainda não estão disponíveis), sendo 67% das vítimas mulheres.

Refletindo sobre os artigos tabulados no Estado de São Paulo (A7; A29; A32; A51), estes têm como temática específica à violência entre cônjuges e ex- namorados. Além destes, ainda há artigos com a temática ligada à conscientização em escolas e a casos de violência em universidades (A35; A51; A52; A59). Ressalta-se que em São Paulo os currículos e programas de ensino nas escolas contemplam o estudo da Lei Maria da Penha com objetivo de conscientizar os alunos sobre leis que protegem e ajudam a combater a violência. Esta iniciativa demonstra a importância de se estudar o tema em escolas, para que crianças e jovens conheçam a lei e a importância dos direitos humanos.

O artigo (A23) aborda a articulação entre os chamados direitos sexuais e os direitos relacionados ao refúgio, no marco dos direitos humanos, na produção da categoria “refugiados LGBTI”. Tais aspectos são explorados a partir de pesquisas de campo realizadas na Espanha e no Brasil. Além destes, dois artigos (A13; A23) apresentam como local da pesquisa o país como um todo, neste são analisadas as políticas que há no país sobre saúde pública e como isso se torna um refúgio para LGBTI’s, sendo eles acolhidos.

Na Tabela 4 apresentamos os periódicos e revistas brasileiras onde foram publicados os artigos da base de dados. Primeiramente foram feitas leituras dos artigos, identificando em cada artigo o nome do periódico ou revista. Posteriormente elaboramos a Tabela 4, identificando a recorrência dos periódicos ou revistas de acordo com os artigos.

Tabela 4. Revistas Brasileiras Indexadas no Scielo

PERIÓDICO/REVISTA	ARTIGOS	T
-------------------	---------	---



Ciência & Saúde Coletiva	A6; A13; A30; A35; A38; A40; A74; A75; A76.	9
Revista de Saúde Pública	A29; A39; A44; A62; A64; A69; A73; A77.	8
Caderno Pagu	A18; A19; A23; A25; A33; A46; A47.	7
Caderno de Saúde Pública	A4; A17; A21; A22; A66.	5
Interface; Comunicação; Saúde; Educação	A2; A7; A8; A10; A36.	5
Revista Estudos Feministas	A26; A41; A43; A63.	4
Revista Latino-Americana de Enfermagem	A11; A55; A57; A59.	4
Saúde e Sociedade	A67; A68.	2
Revista Brasileira de Epidemiologia	A50; A53.	2
Revista da Escola de Enfermagem da USP	A51; A70.	2
Psicologia: Ciência e Profissão	A32; A72.	2
Serviço Social & Sociedade	A14; A71.	2
Saúde Debate	A3; A12.	2
Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea	A1.	1
Saúde Soc. São Paulo	A5.	1
Revista Brasileira de Enfermagem	A9.	1
Revista Brasileira de Saúde Ocupacional	A15.	1
Sexualidad; Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana	A16.	1
Texto & Contexto - Enfermagem	A20.	1
Revista Direito e Práxis	A24.	1
Revista Katálysis	A27.	1
Cadernos de Pesquisa	A28.	1
Educação & Sociedade	A31.	1
Psico-USF	A34.	1
Psicologia & Sociedade	A37.	1
Escola Anna Nery	A42.	1
Jornal Brasileiro de Psiquiatria	A45.	1
Educação & Realidade	A48.	1
Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia	A49.	1
Interface - Comunicação; Saúde; Educação	A52.	1
Revista Brasileira de Estudos de População	A54.	1
Revista da Associação Médica Brasileira	A56.	1
Psicologia em Estudo	A58.	1
Acta Paulista de Enfermagem	A60.	1
Estudos de Psicologia (Campinas)	A61.	1
Educar em Revista	A65.	1

Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Nota: Periódico/Revista: Periódico/revista onde foi publicada a pesquisa sobre gênero e violência sexual. Artigos: Artigos por periódico/revista. T: Total por periódico/revista.

Identificamos na Tabela 4 o total de 36 periódicos e revistas em que foram publicados os artigos. Uma análise destes permitiu compreender diferentes temáticas ligadas à saúde que totalizam 20 periódicos ou revistas: nove ligadas à área da saúde pública no atendimento às comunidades e primeiros passos de vítimas de violência na saúde pública; cinco na área específica de enfermagem: separada por critério de formação profissional de enfermagem; seis na área da psicologia: estudos da saúde mental, de natureza psicológica, sociocultural. O maior número de publicações verifica-se na



Revista Ciência & Saúde Coletiva (nove) do Estado do Rio de Janeiro, comprovando a hipótese de incentivo à produção científica em regiões com mais instituições de ensino.

Identifica-se que a Revista Ciência & Saúde e a Revista de Saúde Pública são as duas com o maior número de artigos, comprovando assim que a maior incidência de registros de pesquisas nesta base de dados é na área de saúde pública, tendo como exemplos quatro artigos que tratam sobre gênero e violência sexual em ambiente médico (A18; A19; A49; A59), e outros que estudam sobre primeiros passos do serviço de acolhimento à mulher vítima de violência doméstica, postos de saúde (A22; A29; A53; A64; A76).

No Caderno Pagu² da Unicamp foram identificadas sete publicações, sendo que apenas três são da mesma universidade (A23; A46; A47). O Caderno Pagu estimula a publicação de artigos de diferentes áreas disciplinares, estabelecendo uma discussão entre as teorias de gênero e as teorias feministas, articulando entre gênero e outras diferenças (raça/etnia, cultura, classe, idade/geração, sexualidade e outras).

Identificamos seis artigos em revistas da área de Sociologia (A14; A31; A37 A67; A68; A71), sendo estas: Saúde e Sociedade, Serviço Social & Sociedade, Educação & Sociedade, Psicologia & Sociedade. Estes artigos tinham como foco analisar socialmente a violência perante a sociedade em diferentes ambientes e classes sociais.

Na Tabela 5 apresentamos a tabulação das áreas de conhecimento de pesquisa em cada artigo. Iniciando no primeiro momento a realização da leitura de cada artigo na base de dados, buscando identificar as áreas do conhecimento. Posteriormente foi constituída a Tabela 6, refazendo a tabulação a partir dos tipos de áreas de conhecimento encontradas, identificando a quantidade de artigos por área.

Tabela 5. Área do Conhecimento das Pesquisas sobre gênero e violência sexual

ÁREA DE CONHECIMENTO	ARTIGOS	T
Saúde Pública	A2;A4;A6;A7;A12;A18;A19;A22;A29;A37;A39;A44;A45;A49;A53;A54;A55;A59;A60;A61;A64;A66;A67;A68;A69;A76.	26
Sociologia	A14;A17;A21;A23;A26;A28;A33;A34;A46;A50;A51;A52;A70;A71;A75.	1

² Trata-se de um periódico digital, disponível em: <<https://www.pagu.unicamp.br/en/cadernos-pagu>>, criado pela Unicamp para o incentivo a produção de pesquisas na área.



		5
		1
Psicologia Clínica	A9;A10;A11;A16;A20;A32;A36;A38;A40;A41;A42;A56;A74;A77.	4
Educação	A8;A15;A35;A43;A47;A65;A72.	7
Serviço Social	A3;A5;A25;A27;A73.	5
Ensino de Ciências na Educação Básica	A31;A58;A62;A63.	4
Medicina	A30;A57.	2
Direito	A13;A24.	2
Literatura	A1.	1
Formação de Professores	A48.	1

Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Nota: Área do conhecimento: Área do conhecimento da pesquisa sobre gênero e violência sexual. Artigos: Artigos por área do conhecimento. T: Total por área do conhecimento.

A perspectiva adotada para a análise da Tabela 6 assume um caráter textual, com a relação da temática de revistas e periódicos nas quais foram publicados os artigos; porém, nem sempre a temática da revista correspondeu à área de conhecimento do artigo: por exemplo, nas revistas da temática Enfermagem na Tabela 4, foram identificadas publicações em diferentes áreas: Psicologia Clínica, Saúde Pública, Medicina e Sociologia.

A forte relação da saúde (42 artigos) com o tema estudado, gênero e violência sexual, foi identificada em três áreas: Saúde Pública com 26 artigos, Medicina com 2 artigos e Psicologia Clínica com 14 artigos. A Psicologia Clínica é considerada uma área do conhecimento, de acordo com o que propõe:

Aquele que busca interpretar os significados – de natureza psicológica e complementarmente sociocultural – trazidos por indivíduos (pacientes ou outras pessoas preocupadas ou que se ocupam com problemas da saúde, tais como familiares, profissionais de saúde e sujeitos da comunidade), acerca dos múltiplos fenômenos pertinentes ao campo dos problemas da saúde-doença (TURATO, 2005, p. 510).

Compreendemos que as pesquisas na temática de gênero e violência sexual podem ser realizadas através de diferentes áreas de pesquisa, abrangendo medicina, psicologia clínica, saúde pública. A partir dos estudos de Turato (2005) compreendemos que estas áreas se incluem na saúde e, através destas, se estuda a natureza social do indivíduo e da sociologia do fenômeno, sendo de máxima importância este estudo para a saúde do país. No artigo (A10) que é um estudo sobre a cultura do estupro, com a imagem de violência ostentativa, através de análise de músicas do gênero funk, entendendo como



a imagem cultural afeta o discernimento do indivíduo e da sociedade sobre a violência.

A área do conhecimento da Sociologia (15) coloca como objeto de estudo a relação de gênero, violência e capitalismo, estudando o que a violência traz para a sociedade. O sociólogo Pierre Bourdieu (2017, p. 24), ao tratar da violência de gênero, propõe que “o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizante”. No artigo (A14) foi analisado o movimento histórico de dominação masculina sobre a mulher no capitalismo, compreendendo as relações sociais de sexo e gênero, responsáveis pelos altos índices de violência contra a mulher, como uma das múltiplas expressões sociais. Xavier, Chagas e Reis (2019) enxergam assim a violência na sociedade:

Parece paradoxal, mas, na proporção em que o ser humano transforma o meio natural e descobre evolutivamente novas técnicas produtivas e aperfeiçoa outras, a violência criminal também tem se aperfeiçoado, não apenas devido ao avanço ou ao progresso tecnológico em si, mas principalmente por razões da intelectualidade humana, de planejamento, cálculos e premeditações constantes, levadas para práticas da violência e da banalização da vida (XAVIER, CHAGAS E REIS, 2019, p. 108).

O Estado moderno, no sentido de detentor do poder e do monopólio da violência, não cumpre a tarefa de assegurar proteção para a população, sendo esta necessária para a preservação da vida (XAVIER, CHAGAS E REIS, 2019). Neste sentido concordamos com Bourdieu (2018, p. 36): “Uma sociedade política do ato sexual faria ver que, como sempre se dá em uma relação de dominação, as práticas e as representações dos dois sexos não são, de maneira alguma, simétricas”.

Ao identificar as diversas áreas do conhecimento dos artigos, foi possível compreender que as pesquisas enfocam perspectivas de análise do tema, tal como referem:

A violência sexual de crianças e adolescentes, além de um grave problema de saúde pública, constitui um crime violento, reconhecido como um desafio social, em decorrência das consequências físicas, emocionais, como estresse pós-traumático, entre outros comprometimentos ligados ao comportamento e desenvolvimento cognitivo e psicossocial. Em nível mundial, estudos apontam que, independente do contexto social e econômico, meninas e meninos, antes mesmo de alcançar a maioridade, podem sofrer violência sexual, cujos índices divergem, em virtude de múltiplos fatores como aspectos ligados à dinâmica da revelação, pela vítima e dificuldades na efetivação da denúncia e investigação do caso, além de fatores culturais e preconceitos (OLIVEIRA *et*



al. 2014, p. 510).

Por esta via compreendemos que gênero e violência sexual são temas complexos, pois não podem ficar detidos a uma única área de conhecimento, e a base de dados expressa que, além da saúde e da sociologia, os artigos abrangem Serviço social (cinco artigos), Direito (dois artigos), Literatura (um artigo), Educação (sete artigos), Ensino de Ciências na Educação Básica (quatro artigos), Formação de Professores (um artigo).

Seguindo a análise, na Tabela 6 apresentamos o mapeamento das metodologias de pesquisa utilizadas em cada artigo. Num primeiro momento foi realizada a leitura de cada artigo na base de dados, buscando identificar qual metodologia utilizada para a realização da pesquisa. Após esta tabulação, foi constituída a Tabela 5, refazendo-a e identificando a quantidade de artigos por tipos de pesquisa.

Tabela 6. Metodologias e Tipologias utilizadas na pesquisa

TIPO DE PESQUISA	ARTIGOS	T
Pesquisa documental	A1;A9;A13;A14;A17;A19;A22;A24;A26;A27;A31;A42;A43;A46;A48;A61;A65;A66;A71;A76.	20
Estudo de caso	A4;A5;A7;A12;A15;A16;A18;A20;A23;A30;A35;A47;A51;A55;A58;A59.	16
Estudo de caso com abordagem quantitativa	A36;A45;A49;A53;A54;A56;A57;A60;A68;A69;A73;A75;A77.	13
Estudo de caso com abordagem qualitativa	A33;A37;A38;A39;A40;A50;A52;A62;A64;A67;A74.	11
Relato de experiência	A2;A8;A25;A28;A29;A32;A34;A41;A63;A72.	10
Estudo de caso documental e descritivo com abordagem quantitativa	A3;A6;A44;A21.	4
Estudo de caso documental e descritivo com abordagem qualitativa	A10;A11.	2
Pesquisa qualitativa e de abordagem fenomenológica	A70.	1

Fonte: Elaboração dos autores, 2020.

Nota: Tipo de pesquisa: Metodologia utilizada na pesquisa sobre gênero e violência sexual.
Artigos: Artigos por metodologia. T: Total por metodologia.

A partir da Tabela 6 é possível identificar oito tipos de pesquisa, sendo que dos 77 artigos 46 são estudos de caso, alguns dos quais identificam ainda as abordagens qualitativas (13 artigos) e quantitativas (17 artigos). Sobre as abordagens qualitativas, segundo Turato (2005, p. 509): “emprega-se a concepção trazida das Ciências Humanas, segundo as quais não se busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas”. Através deste conceito que se tem como



objetivo dos artigos estudados procura-se entender o significado de gênero e violência sexual para com o indivíduo e para o coletivo da sociedade. Ainda segundo o mesmo autor utiliza-se a “abordagem quantitativa como estabelecimento matemático das relações causa-efeito, fatos vistos e descritos, atribuindo a qualidade da alta confiabilidade, tendo reprodutibilidade dos resultados obtidos” (TURATO, 2005, p. 511).

Pode ser observada uma correlação com a Tabela 4 em que a maioria dos estudos de caso são na área de saúde. Segundo Turato (2005), há um interesse em pesquisas qualitativas crescentes no campo da saúde e, conseqüentemente, uma maior demanda em programas de pesquisa institucionais e publicações nos periódicos científicos.

Apresentando-se as pesquisas documentais com um número maior de artigos (20 no total), pela leitura dos artigos assumimos que as culturas enraizadas de violência e machismo demandam estudos sobre gênero. Nestes artigos (A1; A9; A13; A14; A17; A19; A22; A24; A26; A27; A31; A42; A43; A46; A48; A61; A65; A66; A71; A76) evidencia-se, a pesquisa documental para se entender de que formas se constituem os elementos de gênero e a violência sexual nas suas relações com a sociedade em contextos históricos e culturais. A partir de Louro (2008) //compreendemos// podemos compreender que teorias e intelectuais disputam o debate quanto à compreensão atribuída ao gênero, seus sentidos e processos, frequentemente concordando que não é o momento do nascimento, a nomeação de um corpo como macho ou fêmea que irá fazer do sujeito feminino ou masculino. A construção do gênero, sexualidade se dá constantemente, ao decorrer de toda sua vida (LOURO, 2008).

A partir do contexto cultural destacamos que a maioria dos artigos relaciona a cultura da violência em contexto histórico, analisando livros, músicas e leis até à atualidade. Como apresentado em A17 “Taca cachaça que ela libera”: violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil, analisa-se como ocorrem às apologias à violência de gênero e a vulnerabilidade da mulher em estado de embriaguez.

Os relatos de experiência (10) caracterizam-se como estudos e depoimentos que relatam experiências envolvendo o tema gênero e violência sexual como, por exemplo, o artigo A8 que relata a experiência de uma Oficina de educação sexual, onde durante a produção dos bonecos feitos de tecido, ocorrem diálogos e debates sobre gênero e sociedade. Esta oficina percorreu diversos lugares, chegando a Porto-Príncipe (Haiti),



numa Cooperação Brasil-Cuba-Haiti.

4 Considerações Finais

A jeito de conclusão, a primeira nota a expressar é a de que não há dúvidas que esta temática investigada está longe de ser concluída, pois, no cenário atual da política brasileira, esta temática vem sendo tratada de forma distorcida, causando equívocos e polêmicas. Nesta investigação permite constituir um campo de pesquisas da temática gênero e violência sexual, pela análise apresentada, dando nitidez e desvelamento. Evidenciamos neste estudo que gênero e violência sexual, temas variados e analisados a partir de diferentes pontos de vista metodológicos e de inserção profissional das autoras e dos autores da base de dados, enquanto pesquisadores. Com isso, compreendemos que as pesquisas que debatem gênero e violência sexual na contemporaneidade compõem pluralidades e diversidades, que tem em comum o desejo de desconstruir as desigualdades e as injustiças sociais.

Foi possível identificar que o tema gênero e violência sexual foram mais evidenciados em áreas da saúde pública, assim como nas revistas ou periódicos que têm esta nomenclatura de área. Sendo assim, evidenciamos pela análise da base de dados, que gênero e violência sexual são temas que compõem a agenda de saúde pública em nosso país.

Destacamos que todos os artigos tabulados têm uma grande relação entre violência e classe social. Nenhum dos artigos tabulados fala sobre violência em classe média alta, mas sim tentam estabelecer uma relação entre gênero, violência sexual e drogas, comunidades de classe econômica baixa e violência intrafamiliar.

Enquanto pesquisadores do campo educacional assumiram que iríamos encontrar mais pesquisas na área da educação. Entretanto, não encontramos em quantidades significativas artigos no campo da educação. Tendo em vista que a área da educação tem forte potencial preventivo de violência de gênero e sexual, pela abrangência do tema, dado o elevado número de instituições educativas na Educação Básica e no Ensino Superiores no território brasileiro, propomos o empoderamento de gênero como forma de prevenção da violência sexual e de proteção das crianças, adolescentes e jovens.

A produção nos resultados cotejados com as análises dos dados implica



desafios a serem dialogados na área da base de pesquisa, visando o enriquecimento das pesquisas na área de gênero e violência sexual. Tais desafios nos fazem pautar uma agenda de considerações, sendo necessário: (i) Criar espaços de discussão/socialização das pesquisas; (ii) Estimular a pesquisa na área através de investimentos e bolsas de pesquisa; (iii) Fortalecer os diálogos acerca das concepções do tema; (iv) Criar eventos sobre o tema para a divulgação científica; (v) Incentivar a pesquisa neste tema por parte de agências de fomento em cada Estado brasileiro; (vi) Amparar e fomentar nas instituições de ensino superior tanto da rede pública quanto da rede privada para subsidiar ações de ensino, pesquisa e extensão, bem como a criação de grupos de estudos; (vii) Na formação inicial de professores acredita-se que os cursos de licenciatura poderiam ter componentes curriculares e práticas de ensino ou grupos de estudos e pesquisas sobre este tema; (viii) Incluir este tema num sistema de formação continuada de professores, a partir dos estudos de currículo e metodologias de ensino, fortalecendo o diálogo com docentes que atuam na Educação Básica e/ou no Ensino Superior; (ix) Programa de Pós-graduação nesta área ou instituindo linhas de pesquisa; (x) Estimular processos de formação continuada em serviço para profissionais e pesquisadores das áreas de conhecimento que abrangem a base de dados, permitindo espaços e tempos de discussão sobre o tema, refletindo e dialogando com seus pares e com referenciais; (xi) Políticas Públicas ligadas a leis e prevenção a violência; (xii) Especializações no serviço de Saúde Pública, acolhimento e prevenção à violência em comunidades pobres.

Assim, esta pesquisa estabeleceu relações com áreas de conhecimento e possibilitou reconhecer as metodologias que caracterizam as tipologias de pesquisa. Por fim, salientamos a importância de seguir pesquisando o tema de gênero e violência sexual, independente da perspectiva de análise, pois a base de dados elencou um mapeamento das publicações de artigos que possibilitou o conhecimento e/ou reconhecimento de estudos que estão sendo, ou já foram realizados no Brasil e, em alguns casos, relacionam-se com outros países.

Referências

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. vol. 29 n. 2 Brasília: **Revista Sociedade e Estado**, p. 450, 2014.



BOURDIEU, P. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica.** ed. 6º, Rio de Janeiro: *BestBolso*, 2018.

COLLING, A. M. O que representa a proposta de ideologia de gênero e escola sem partido?. In: STREY, M. N.; SOUZA, N. A. P. (orgs.). **Corpo e relações de gênero na contemporaneidade.** Porto Alegre: *EDIPUCRS*, p.46, 2017.

LABRONICI, L. M.; FEGADOLI, D.; CORREA, M. E. C. Significado da violência sexual na manifestação da corporeidade: um estudo fenomenológico. v. 44, n. 2. São Paulo: **Revista Escola de Enfermagem da USP**, p. 401-406, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. v. 19, n. 2 Campinas: **Pro-Posições**, 2008.

OLIVEIRA, J. R. de; *et al.* Violência sexual e coocorrências em crianças e adolescentes: estudo das incidências ao longo de uma década. Rio de Janeiro: **Ciência & Saúde Coletiva**, 2014.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Campinas: **Cadernos PAGU**, 2001.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** ed.2. São Paulo: EDITORA EXPRESSÃO POPULAR, p.17, 2011.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetivos de pesquisa. Campinas: **Rev. Saúde Pública**, 2005.

WINCK, G. E. ; STREY, M. N. Abrigando histórias e cuidados de vidas. in: STREY, M. N.; SOUZA, N. A. P. (orgs.). **Corpo e relações de gênero na contemporaneidade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 144-145, 2017.

XAVIER, A. R. ; CHAGAS, E. F. ; EDILBERTO, C. R. Direito positivo, miséria social e violência no capitalismo globalizado. São Paulo: **Serv. Soc. Soc.**, 2019.

Anexos/Apêndices (se houver)

APÊNDICE A: LEGENDA DAS INSTITUIÇÕES (TABELA 2): UNB: Universidade de Brasília; FMRP: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; USP: Universidade de São Paulo; UFPR: Universidade Federal do Paraná; UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas; UMINHO-PT: Universidade do Minho-Portugal; UNIFOR: Universidade de Fortaleza; UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais; IFNMG: Instituto Federal do Norte de Minas Gerais; USCS: Universidade Municipal de São Caetano do Sul; UFRGS: Universidade



Federal do Rio Grande do Sul; EESP: Escola de Economia de São Paulo; FIOCRUZ: Fundação Oswaldo Cruz; UNISINOS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos; UCP: Faculdades do Centro do Paraná; UFF: Universidade Federal Fluminense; UNIVASF: Universidade Federal do Vale do São Francisco; UESB: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; FARAL: Faculdade Regional de Alagoinhas; UFBA: Universidade Federal da Bahia Campus Ondina; UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina; UNISUL: Universidade do Sul de Santa Catarina; IFCH: Université Franco, Haïtienne du Cap, Haïtien; PAGU: Núcleo de Estudos de Gênero/Universidade Estadual de Campinas; UNAMA: Universidade da Amazônia; UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo; PUCRS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; UFS: Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão; FCC: Fundação Carlos Chagas; UNISANTOS: Universidade Católica de Santos, Campus Boqueirão; UNESP: Universidade Estadual Paulista; FAP: Faculdade de Apucarana; AEMS: Faculdades Integradas de Três Lagoas; FIO: Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos; FFLCH: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; UNG: Universidade Guarulhos; ENSP: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca; UNIMONTES: Universidade Estadual de Montes Claros; ESCS: Escola Superior de Ciências da Saúde; UFPE: Universidade Federal de Pernambuco; UFAM: Universidade Federal do Amazonas; TJDFT: Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios; UERJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; UNIG: Universidade Iguazu; IMS: Instituto Moreira Salles; UFRN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Mackenzie: Universidade Presbiteriana Mackenzie; FMUSP: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; PUC Minas: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; FacidWyden: Centro Universitário UniFacid Wyden em Teresina; UFPI: Universidade Federal do Piauí; FCM: Faculdade de Ciências Médicas/UNICAMP; UNC: Universidade do Contestado; UFMT: Universidade Federal de Mato Grosso; UFLA: Universidade Federal de Lavras; UFSCAR: Universidade Federal de São Carlos; FSS: Faculdade São Salvador; UFAL: Universidade Federal de Alagoas; UCSAL: Universidade Católica do Salvador; NEMGE: Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero/USP.



APÊNDICE B: Panorama de artigos da base de dados Scielo

Quadro 1: Apresentação dos artigos sobre gênero e violência sexual na base de dados Scielo

A	TÍTULOS
A1	Marcas da violência e jogos do poder no romance urbano de Patrícia Melo
A2	Construção de diretrizes para orientar ações institucionais em casos de violência de gênero na universidade
A3	Abortamento legal após estupro: histórias reais, diálogos necessários
A4	Feminicídio na cidade de Campinas, São Paulo, Brasil
A5	Direitos sexuais e reprodutivos de mulheres em situação de violência sexual: o que dizem gestores, profissionais e usuárias dos serviços de referência?
A6	Fatores associados aos episódios de agressão familiar entre adolescentes, resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)
A7	Amor e violência em jogo: descortinando as relações afetivo-sexuais entre jovens à luz de gênero
A8	Oficina de bonecas sexuadas – um relato de experiência
A9	Intervenções comunitárias relacionadas à violência entre parceiros íntimos adolescentes: revisão de escopo
A10	Cultura do estupro e violência ostentação: uma análise a partir da artefactualidade do funk
A11	As perspectivas de gênero e geração nas narrativas de mulheres abusadas sexualmente na infância*
A12	Histórico de violência entre mulheres que fazem uso de crack no estado de Pernambuco, Brasil
A13	Políticas de Saúde de adolescentes e jovens no contexto luso-brasileiro: especificidades e aproximações
A14	Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher
A15	Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura
A16	O aborto e uma história de vida: Cuidar de si, filhos e parceiros em circulação
A17	“Taca cachaça que ela libera”: violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil
A18	De médico e de monstro: disputas em torno das categorias de violência sexual no caso Abdelmassih*
A19	Autonomia para quem? O discurso médico hegemônico sobre a violência obstétrica no Brasil
A20	Abuso Sexual na Infância e suas repercussões na vida adulta
A21	Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica
A22	Características dos casos de violência sexual contra mulheres adolescentes e adultas notificados pelos serviços públicos de saúde em Santa Catarina, Brasil
A23	“Refugiados LGBTI”: direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência
A24	Corpos, identidades e violência: o gênero e os direitos humanos
A25	(Des)encontros no hospital: itinerário terapêutico de uma experiência intersexo
A26	Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres
A27	Serviço Social e homofobia: a construção de um debate desafiador
A28	Engenheiras na construção civil: a feminização possível e a discriminação de gênero
A29	Violência por parceiro íntimo no relato de mulheres e de homens usuários de unidades básicas
A30	Trajetórias de mulheres vivendo com HIV/AIDS no Brasil. Avanços e permanências da resposta à epidemia
A31	Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros
A32	Família, Gênero e Emancipação Psicossocial
A33	O Brasil é um paraíso sexual - para quem?
A34	Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro
A35	Vídeos institucionais podem contribuir ao debate para o enfrentamento da violência



	doméstica infantil?
A36	Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras
A37	Concepções sobre adolescentes em situação de violência sexual
A38	Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013
A39	Incidência e fatores de risco para violência por parceiro íntimo durante o período pós-parto
A40	Tentativa de suicídio em mulheres idosas – uma perspectiva de gênero
A41	Mulheres que denunciam violência sexual intrafamiliar
A42	Subalternidade de gênero: refletindo sobre a vulnerabilidade para violência doméstica contra a mulher
A43	O feminicídio na ficção de autoria feminina Brasileira
A44	Mulheres com HIV: violência de gênero e ideação suicida
A45	Violência contra a mulher ou mulheres em situação de violência? Uma análise sobre a prevalência do fenômeno
A46	Violências e afetos: intercâmbios sexuais e econômicos na (recente) produção antropológica realizada no Brasil
A47	Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes
A48	Materiais didáticos escolares e injustiça epistêmica: sobre o marco heteronormativo
A49	Impacto da inserção da temática saúde sexual e reprodutiva na graduação de Medicina
A50	Violência por parceiro íntimo entre estudantes de graduação de duas universidades do estado de São Paulo, Brasil
A51	Mulheres que trabalham em restaurantes universitários: condições de vida e trabalho e violência de gênero
A52	Filicídios: narrativas de crimes de gênero
A53	Homens, masculinidade e violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde
A54	Autonomia, gênero e gravidez na adolescência: uma análise comparativa da experiência de adolescentes e mulheres jovens provenientes de camadas médias e populares em Belo Horizonte
A55	A violência no cotidiano da prostituição feminina: invisibilidade e ambiguidades
A56	Violência doméstica contra crianças e adolescentes: um desafio
A57	Características da violência contra crianças em uma capital brasileira
A58	Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural
A59	Estudo transversal de fatores subjacentes ao risco de abuso de enfermeiras por parte de seus parceiros
A60	Reincidência da violência contra crianças no Município de Curitiba: um olhar de gênero
A61	A violência sexual contra crianças e adolescentes: conhecer a realidade possibilita a ação protetiva
A62	Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra do Garças, MT
A63	Crianças, gênero e sexualidade: realidade e fantasia possibilitando problematizações
A64	Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde
A65	Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência
A66	Aborto e coerção sexual: o contexto de vulnerabilidade entre mulheres jovens
A67	Interseccionalidade de gênero, classe e raça e vulnerabilidade de adolescentes negras às DST/AIDS
A68	Vivenciando o racismo e a violência: um estudo sobre as vulnerabilidades da mulher negra e a busca de prevenção do HIV/AIDS em comunidades remanescentes de Quilombos, em Alagoas
A69	Validade do instrumento WHO VAW STUDY para estimar violência de gênero contra a mulher
A70	Significado da violência sexual na manifestação da corporeidade: um estudo fenomenológico
A71	Com açúcar e sem afeto: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracaju/SE
A72	Meninas de moral: experiências socioeducativas em um bairro popular do Recife



A73	Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF
A74	Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados
A75	Entre negociação e conflito: gênero e coerção sexual em três capitais brasileiras
A76	Atenção integral à saúde de mulheres em situação de violência de gênero – uma alternativa para a atenção primária em saúde
A77	Fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres brasileiras

Fonte: Elaboração dos autores, 2020. Nota; *A: Artigos numerados.* Título:

Títulos dos artigos.